

**MERCADOS EM CRISE:** *Linha de crédito de US\$ 200 bi para o Brasil seria a saída para o aperto decorrente do ajuste fiscal duro*

# Krugman prevê uma 'terrível recessão' para o Brasil

Economista do MIT, famoso por defender controle do câmbio para a Malásia, já não está tão certo da viabilidade de seu plano

183

Maria Luiza Abbott

Enviada especial

• WASHINGTON. A defesa do real deverá custar ao país uma recessão econômica, com um duro pacote de ajuste fiscal e taxas de juros elevadas, segundo previu ontem o economista do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Paul Krugman. Ele descartou a possibilidade de desvalorização da moeda brasileira para enfrentar a crise, porque a falta de confiança dos investidores em países emergentes levaria a uma perda de controle do processo, com desvalorização ainda maior.

— Se quiserem cortar o déficit fiscal para 3% ou 4% do Produto Interno Bruto, considerando que os juros terão que ser mantidos elevados, vai ser com o custo de uma terrível recessão — disse ele, ao final de uma palestra no Congresso para o Desenvolvimento Econômico Mundial, promovido pelo setor privado e que antecede a reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI).

A saída para o aperto, segundo Krugman, seria a oferta de uma linha de crédito externa elevada, que ele próprio considera pouco provável. O economista explicou que era isso o que queria dizer quando mencionou que o Brasil precisaria de uma ajuda externa de US\$ 200 bilhões para defender o real sem recessão elevada.

Krugman, um dos economistas mais respeitados pela equipe econômica no Brasil, disse também que o crescimento da econo-

mia mundial deverá entrar em desaceleração. Ele observou que, na última quarta-feira, o FMI reviu a previsão para o comportamento da economia mundial, reduzindo a expectativa de crescimento de 4% para 2% em 99. Em sua opinião, esse movimento de queda ainda deverá continuar.

Ele criticou as sugestões de economistas como Jeffrey Sachs, de Harvard, que têm proposto

que os países em crise deixem o câmbio flutuar, porque no caso do Brasil isso significaria esquecer o real, com consequências imprevisíveis sobre a inflação. Krugman enfatizou que os mercados não tratariam os países emergentes da mesma forma que tratam os industrializados, e uma desvalorização traria ainda mais desconfiança em relação à moeda.

— Não se pode desvalorizar o

real em 25%, porque acabaria se tornando uma desvalorização de 125% — alertou o economista.

Segundo Krugman, os analistas estão divididos entre os "fundamentalistas" — que consideram que os países sofrem ataques especulativos porque os fundamentos de suas políticas econômicas estão equivocados — e os que acreditam que as crises acontecem porque foram profecias auto-

alimentadas e, embora um país possa ter tomado medidas adequadas, um acontecimento externo poderá afetar a sua economia interna. É esse o caso, lembrou Krugman, quando uma crise na Rússia afeta o Brasil.

— Quase todos os mercados emergentes estão vulneráveis e ninguém pode se sentir a salvo. O caso do momento é o Brasil, com seu enorme déficit fiscal, que de-

ve ser resolvido rapidamente, com medidas drásticas — disse.

O economista fez uma crítica aos que têm procurado encontrar pecados que os países possam ter cometido para serem atingidos por crises de confiança que provocaram fuga de capital. Ele lembrou, no entanto, que os países desenvolvidos têm a confiança dos mercados, o que acaba protegendo-os dessas profecias que têm afetado os emergentes.

O economista observou que, se os Estados Unidos se vissem numa situação semelhante à do Brasil, a recomendação seria que o Governo americano fizesse uma política fiscal apertada, que seria compensada por uma política monetária mais frouxa. Ou seja, que o país cortasse gastos e até aumentasse impostos; mas adotando políticas compensatórias, como reduzir juros. O economista enfatizou que o Brasil não pode fazer isso e foi obrigado a adotar políticas monetária e fiscal apertadas, o que já causou desemprego no país.

Krugman não está otimista com as soluções propostas até agora para que os países emergentes saiam dessa armadilha. Saneamento de bancos, criação de instituições de supervisão, mais transparência ou câmbio flutuante, avalia, não necessariamente criarão condições de segurança para esses países. Por outro lado, embora tenha defendido controle de câmbio quando há fuga de capital, Krugman não está certo de que isso seja viável. ■